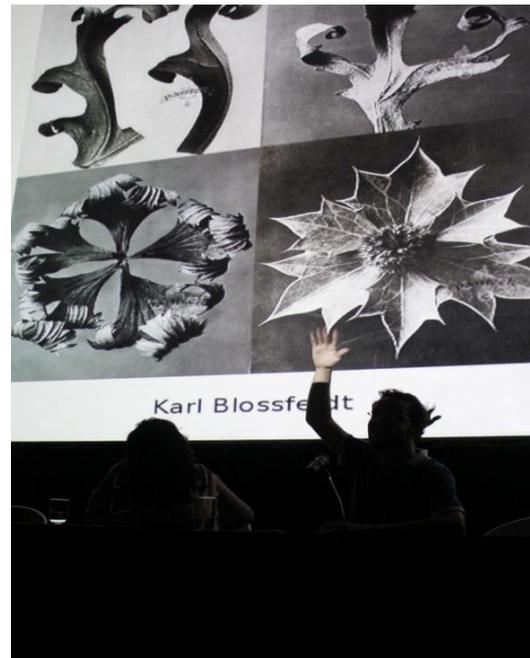


Introdução

Fluxos de Flusser

Poderíamos compor essa abertura dizendo que os textos aqui presentes são resultado do encontro que aconteceu nos dias 24 e 25 de maio de 2012 na Universidade Federal do Ceará. E que, sem que nenhuma informação adicional fosse dada aos convidados que pudesse nortear suas falas à exceção do tempo de apresentação de cada um e do pouco explicativo título do simpósio – *Flusser em Fluxo* – o que se formou, ao final, foi um diálogo de muitas vozes, fluido e labiríntico.

Flusser é fluxo, correr do rio como indica a raiz germânica. Ladeira abaixo, essa água serpentina corre rumo à poesia e segue caminhos insuspeitos, atrapalhando (e nunca facilitando) o curso do nosso pensamento. Mas Flusser, como lembra Rainer Guldin, é também aquele que extrai seixos dos rios para transformá-los em vidro. Flusser mistura e separa, decanta e promove a alquimia de extrair do meio fluido as pedrinhas – ou cálculos, para fazermos alusão à matéria de que são feitas as imagens técnicas.



Mas se estamos falando de águas turvas, nosso interesse aqui não é tornar claro, transparente, o que é, em essência, equívoco e nebuloso. Vivemos uma crise do conhecimento, mas os pontos de interrogação, que são os signos que melhor expressam nossa situação no mundo hoje, como afirmava Flusser, são positivos. Dirá: “Essa nova ignorância e ingenuidade, às quais estamos condenados pela nossa crise, tem sua vantagem. Podemos olhar o mundo que nos cerca como se ninguém jamais o tivesse olhado. Somos todos pioneiros e como tais, podemos ousar tudo”.

Nesse rio, baldeado, encontramos elementos etéreos como círculos, nuvens e espirais (como nos ditos de Rainer Guldin, que traça um panorama de seus ricos estudos sobre Flusser), mas também corpo, erotismo, performance, como pontua o professor e artista Wellington Jr., ao enfrentar a sala de aula, refletindo com Flusser sobre a crise do conhecimento e o lugar da liberdade. Ainda sobre a Academia, mas em sentido muito diverso, correm as águas de Michael Hanke, que discute o papel – metódico e criterioso – de Flusser como parecerista de uma revista científica. Misturando águas, se entrevê o encontro com o outro e o jogo como instrumento de regeneração das sensibilidades. Jogo que não se dá somente no discurso, mas na escrita de Flusser, que “materializa seu próprio modo de pensar”, diz César Baio, enredando Flusser às teorias de Huizinga sobre o *homo ludens*.

Também Osmar Gonçalves, coordenador do Simpósio e co-editor do presente número da Flusser Studies, cuidando da fotografia e das relações entre Benjamin e Flusser (“encontro secreto marcado entre as gerações”, vaticinava o próprio Benjamin sem prever os desdobramentos de seu pensamento sobre as imagens na obra de outra vítima do nazismo), insiste no papel libertário do jogo. Essa “pura gratuidade” onde experimentamos o imprevisto e o improvável que colocam em xeque o aparelho e seu funcionário. “Por favor, brinquem comigo”, pede o Flusser citado por Lúcia Santaella. Ela que, lucidamente, salta, assim como Vilém Flusser, entre apocalípticos e integrados, avançando para as terceiras margens do rio – estas, sempre mais complexas e instáveis – para discorrer sobre o visionarismo de nosso autor.

Fluxos de Flusser. Fluxos de tempo e espacialidades. Terra do inóspito – e aqui, saboreamos a partilha de Norval Baitello que generosamente traz à luz, como quem colhe pedrinhas no rio, textos não publicados de Vilém Flusser, fazendo ressoar os ecos etimológicos que abrigam termos como hospital e hospício, rastreando em suas

entrelinhas, a tensa relação entre *hospitalitas* (“condição do estrangeiro”) e *hostis*, em indo-europeu, “estrangeiro” e inimigo –, mas também (e, talvez, por isso mesmo) da poesia e do encontro, o Simpósio abrigou o inóspito Vampyrotheutis em várias falas. Diabólico, ele nadou e voou (como pássaro? como máquina?) até o sertão de Guimarães Rosa – sertão que não é fora, mas “dentro da gente”, “que está em toda parte” – e perturbou a natureza do Brasil e de Vilém Flusser, naturalmente.



Além de Rosa, Dante, Borges, Melville, Kafka, Poe, Louis Stevenson, Mary Shelley, Dostoiévski, Goethe, Machado, Alain de Botton, e mesmo quem não estava prevista, deu o ar de sua graça. Apareceu sem aparecer, sem se explicar, sem se dizer – como lhe é próprio. Ao discutir *Pensamento Poético e Pensamento Calculante: o Dilema da Cibernética e do Humanismo em Vilém Flusser*, Erick Felinto esmaga a barata de “A paixão segundo G. H.”, sem citá-la, assim como competia a Clarice, assim como era comum também a Flusser. Entrelinhas. Conscientes, inconscientes, utópicas, distópicas. Possível que o autor se espante, ao ler-se, agora, nesta revista. É que, dentre os que aqui estão publicados, há os que nos enviaram os textos revisados e os que tiveram as falas transcritas. Destes, tentamos, com todo esforço, captar os silêncios, os entreditos, o calor da

voz e da presença. Atente-se para a matéria do dito e para a fabulação da ciência. Assim, Ryuta Imafuku compôs um poema (?), uma imagem (?), um diálogo (?) e nos enviou telematicamente. Vãos vampyritheuticos. “O utopista e o ficcionista científico são profetas, ou ainda, se colocam na posição de historiadores do que virá. Nessa reversão, a letra vem antes do fato”, disse Marcio Seligmann. Confluindo águas, leremos “Entendo que a principal função da ficção seja a de nos perspectivizar, ou seja, a de nos tirar da nossa perspectiva habitual e nos oferecer uma outra” na fala de Gustavo Bernardo. Dando as mãos à literatura, Gustavo, como Márcio, discute filosofia. Com *O ser que nega*, Gustavo reflete – e aqui o verbo abusa de sua duplicidade semântica: reflexão como pensamento e como negação – sobre os autores que se colocam a favor da espiritualidade e os que preservam, como Flusser, a dúvida. No fim das contas, sem chegar a resultados cabais (ele alertara seus espectadores que ousaria discutir o indiscutível, “porque indecível”), finaliza tomando para si as últimas palavras proferidas por Machado de Assis antes de morrer: “A vida é boa”.

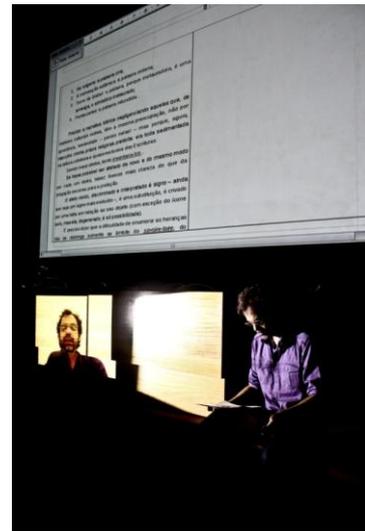
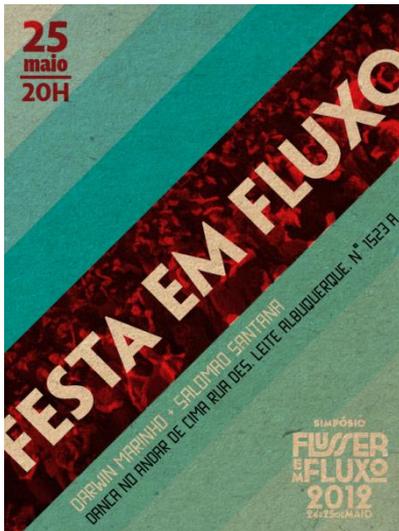
Neil Amstrong, quando pisou na Lua calçou os astros com a pomposa frase “That’s one small step for a man, a giant leap for mankind”. Mas foi Gagarin quem experimentou a poesia com deslumbramento quando resumidamente afirmou que a Terra é azul. A síntese mais elementar, a preservação da surpresa, o gosto pela descoberta. Ciência e poesia.

É, Machado, a vida é boa.

Do simpósio, poderíamos dizer isso e mais. Mas Flusser é labiríntico e a tarefa de compor uma introdução que abrigue essas falas, ainda mais quando se deram em fluxos que continuam a serpentear o pensamento a cada nova leitura, é desnorteante. Coletamos imagens e sons nesses dias, mas eles se mostraram ainda mais fluidos do que o verbo.



Que Borges nos acuda: “Este es el laberinto de Creta. Este es el laberinto de Creta cuyo centro fue el Minotauro. Este es el laberinto de Creta cuyo laberinto fue el Minotauro que Dante imaginó como un toro con cabeza de hombre y en cuya red de piedra se perdieron tantas generaciones como María Kodama y yo nos perdimos. Este es el laberinto de Creta cuyo laberinto fue el Minotauro que Dante imaginó como un toro con cabeza de hombre y en cuya red de piedra se perdieron tantas generaciones como María Kodama y yo nos perdimos en aquella mañana y seguimos perdidos en el tiempo, ese otro laberinto”.



Gabriela Reinaldo, coordenadora do Simpósio *Flusser em Fluxo* e co-editora do presente número da *Flusser Studies*.